

ASSIMETRIAS DE PODER E HETEROTOPIAS NA ESCRITA DO MEIO DIGITAL

Dr. Virgilio Vasconcelos (UFMG)
Dr. Carlos Falci (UFMG)

INTRODUÇÃO

Este artigo é baseado em tese de doutoramento homônima defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Artes da UFMG, e fundamenta-se na noção de gramatização de Bernard Stiegler aliada às ideias de *habitus* na obra de Pierre Bourdieu e da abordagem foucaultiana para análise de discursos e de espaços heterotópicos. A perspectiva ontológica de Stiegler propõe que toda ação humana sobre a realidade material é dotada de tecnicidade e, portanto, produz conjuntos de registros – os *gramme* – que realizam uma escrita sociotécnica dessa mesma realidade. Deste modo, ao considerá-la resultante de um processo contínuo de escrita, empregamos a abordagem de Foucault para investigar a ordenação dos discursos produzidos nesse processo e evidenciar os enunciados hegemônicos e os impulsionados à invisibilidade. Além disso, a visão bourdieusiana de *habitus* permite empregar essa visão de escrita técnica ao processo de incorporação simbólica de práticas e representações sociais que regulam comportamentos, visões de mundo e ações sociais.

A partir desse arcabouço, realizamos uma investigação sobre os modos como o meio digital atua na produção, reprodução e amplificação de assimetrias de poder social e como pode ser usado para o rearranjo dessas estruturas de dominação social. De modo geral, o rearranjo dessas estruturas passa por processos de ensino-aprendizagem críticos e que adotem uma visão ampla sobre a tecnicidade humana. Além disso, mostra-se necessário um fortalecimento de espaços heterotópicos (dotados de uma lógica contra-hegemônica e impulsionados à margem) a partir de uma ampliação da diversidade de agentes capazes de realizar essa escrita, ou seja, de produzir outros objetos de memória no meio digital.

A noção de “meio digital”, presente tanto no título quanto ao longo do trabalho, é sabidamente ampla e dotada de ambiguidades. Apesar de reconhecer a imensidade de reflexões dedicadas às ideias de meio, *medium* ou *media*, assim como a ubiquidade em que tecnologias digitais se manifestam nas mais variadas atividades cotidianas, empregamos neste trabalho a expressão “meio digital” para abrigar um conjunto sociotécnico heterogêneo que inclui protocolos, softwares, redes sociais, aparelhos e práticas sociais variadas que fazem uso de tecnologias digitais. Assim, para o escopo deste texto, importam menos as especificidades de discussão sobre o que constitui um “meio” ou as particularidades de suas manifestações “digitais”, pois favorecemos uma escolha terminológica suficientemente aberta e flexível. Afinal, o que nos interessa é analisar os movimentos que constituem e atravessam esse conjunto, ou seja, os processos que envolvem sua escrita. Desta forma, o que buscamos apresentar como a “escrita do meio digital” é, simultaneamente, o conjunto de relações sociotécnicas que permitem sua gênese e as influências desse conjunto heterogêneo na produção da realidade social.

Além disso, a perspectiva que considera esse conjunto técnico não como um ente distinto e independente, mas como dotado de uma tecnicidade humana, nos aproxima das visões filosóficas ligadas à ontologia da diferença. Essa perspectiva difere da tradição filosófica essencialista, que confere à identidade – ou à essência – um caráter primário e fundamental na constituição da realidade. Assim, a visão ontológica diferencial concebe a identidade de qualquer ente da realidade como uma característica secundária, contextual e emergente de um complexo fluxo de relações derivadas de agenciamentos de diferenças. Deste modo, ideias como a heterogênese na obra de Deleuze, a individuação na de Simondon, as heterotopias foucaultianas, a *différance* de Derrida e a gramatização de Stiegler

se aglutinam na proposta deste trabalho. Assim como em nossa escolha terminológica para tratar o “meio digital”, ressaltamos que o uso das noções desse conjunto teórico também emprega uma certa flexibilidade. Afinal, muitas dessas proposições que adotamos foram formuladas em contextos diversos e se referiam a outros objetos de pesquisa.

STIEGLER, ESCRITA E DISCURSOS NO MEIO DIGITAL

Para se analisar os discursos que atravessam e escrevem o meio digital, compreendemos como fundamental o pensamento de Bernard Stiegler. O filósofo iniciou a partir da década de 1990 uma importante produção acerca de uma ontologia técnica, com reflexões sobre política e o meio digital que expandem noções de autores como Derrida – que foi seu professor – e Simondon. Como herança do pensamento de Derrida, a visão de Stiegler valoriza o caráter negativo da diferença, representado pela ideia de “falta da origem”¹ (STIEGLER, 2003, p. 151), da ausência como motor do processo de diferenciação ou individuação técnica. Em sua revisão da perspectiva de Simondon, a técnica é vista como o elemento humano de caráter produtivo, diferencial e protético, cuja força motriz é o objetivo de suprir uma ausência que, no entanto, jamais será plenamente alcançada. Esse objetivo não é atingido devido ao caráter ambivalente da técnica que, ao atuar como uma prótese, promove uma diferenciação que também introduz conflitos (polemos) no tecido da realidade, que reverberam na produção de novas ausências que demandam a emergência de novas próteses. A técnica, portanto, existe em função de uma negatividade mas é incapaz de supri-la plenamente, pois sua ação individuante tem como subproduto outras ausências a serem supridas, sempre de modo metaestável.

Desta forma, a visão de Stiegler para a técnica possui outra herança do pensamento de Derrida ligado à *différance*: o caráter de suplemento, pois seu modo de existência se dá em função de outro elemento da realidade na busca por completá-lo e, simultaneamente, produzir seu próprio sentido. Além disso, esse processo ontológico de diferenciação que produz novas ausências de modo contínuo e metaestável também apresenta um raciocínio semelhante à noção de Foucault (1996) para a vontade de verdade: assim como ela é necessariamente um recorte que deixaria de existir caso alcançasse a totalidade da verdade, a técnica deixaria de existir caso suprisse plenamente a falta que busca preencher, numa estabilidade absoluta. Logo, o jogo contínuo entre a prótese e a falta se dá pelo fato da técnica atuar como um suplemento, que sempre se projeta em direção àquilo que ela não é.

A partir dessa perspectiva, a técnica institui para a humanidade o problema da decisão e do livre-arbítrio, uma vez que não há um destino teleológico e inexorável para a realidade: cabe à humanidade definir o uso de sua prótese, o modo como pretende suplementar sua falta original. Desta forma, a proposta de Stiegler adquire um caráter político fundamental. Em análise sobre esse caráter, Oliver Marchart (2012) destaca que a própria política é encarada por Stiegler como uma técnica (*tekh-né*): uma arte ou habilidade estratégica para se atuar sobre os arranjos e disposições que constituem a *polis*. De modo semelhante, Patrick Crogan (2010, p. 135, tradução nossa) afirma que, para Stiegler, a filosofia que honra seu nome é “sempre prática, sempre política, desde que participe nesse grande processo de individuação do coletivo e de seus indivíduos”, ou seja, possui o potencial para promover intervenções, desvios e reverberações que afetem a trajetória e arranjos do devir social, com o objetivo de corrigir assimetrias na busca incessante por preencher suas “faltas” ou “falhas” de modo contínuo e recíproco.

Ao estabelecer a técnica como motor da diferenciação em uma perspectiva ontológica, Stiegler confere a ela ainda mais destaque que na visão filosófica de Simondon. Afinal, ao realizar um arranjo

1. *le défaut d'origine*, no original em francês. Na versão em inglês do texto, usada como referência, a expressão é traduzida de modo a evidenciar uma multiplicidade de sentidos: “*an original fault, default, or lack of origin*” (“falha original, padrão ou falta da origem” em tradução livre).

filosófico que traz algumas semelhanças com o marco conceitual de Marx sobre base e superestrutura, em que “o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral” (MARX, 1859, p. 7), Stiegler amplia a noção de gramme na obra de Derrida para abrigar todos os gestos técnicos sobre a realidade material que provocam emergências, rupturas, transformações e reconfigurações no fluxo de matéria e símbolos na sociedade. Desta forma, a técnica atua na produção não apenas dos objetos técnicos, mas também dos valores simbólicos que compõem a cultura e a linguagem, que emergem da ação dessa tecnicidade sobre a realidade material. Ao comentar a noção de gramatização na obra de Stiegler a partir da proposta de Derrida sobre a gramatologia, John Tinnel argumenta que:

Stiegler ampliou ainda mais a teoria gramatológica, adaptando-a em uma base para compreender todos os tipos de sistemas técnicos além daqueles tradicionalmente compreendidos como escrita ou tecnologias de comunicação. [...] A partir de uma noção expandida de escrita, Stiegler nos leva a reconhecer o conjunto expandido de arte(fatos) contemporâneos que agora operam como gramme. (TINNEL, 2015, p. 135, tradução nossa)

Os registros, marcas ou rastros materiais em que consistem os grammas, ao atuarem na realidade sensível e simbólica representam, na visão de Stiegler, uma forma técnica de memória. Segundo Mark Hansen (2017), Stiegler suplementou a pesquisa de Edmund Husserl ao propor uma modalidade técnica de memória chamada “retenção terciária”, que possui um papel fundamental para a experiência do tempo e produção da consciência. Esse terceiro tipo de retenção, diferente daqueles operados como objetos mentais da consciência na proposição de Husserl, opera como uma prótese da memória por meio de objetos técnicos na materialidade do mundo objetivo. Desta forma, ao ampliar a noção de memória para além de operações mentais, relacionando-a a operações registradas na realidade material, a noção de Stiegler também implica uma relação de dependência e causalidade circular entre essas modalidades: a experiência e retenção mentais a partir da realidade material permitem, a partir dos gestos técnicos sobre essa materialidade, produzir e modificar grammas que influenciarão novas experiências e retenções. Assim, as formas de retenção terciária imanentes do processo de gramatização englobam um conjunto extenso e heterogêneo, que abriga desde signos linguísticos até registros maquinais analógicos e digitais, como gravações de som e imagens (fixas e em movimento). A partir dessa compreensão do imbricamento entre técnica e memória, Stiegler caracteriza esses tipos de ação como “mnemotécnicas”, ou “técnicas do futuro, em sua capacidade de transformar profundamente as condições de convívio, dos termos da lei, as regras da vida, etc” (STIEGLER, 2003. p. 155), também em referência às ideias de retenção e protensão do pensamento de Husserl.

Assim, a partir dessa proposta expandida e de caráter protético sobre a memória, considerando-a como um processo que envolve o mental e a materialidade técnica, torna-se possível estabelecer relações entre a obra de Stiegler e o pensamento de Bourdieu e Foucault. Afinal, a operação circular de internalização das “estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1983. p. 60) que constituem o *habitus*; e a rede que se estabelece entre o “dito e o não dito” (FOUCAULT, 2017. p. 364) materializado na rede heterogênea que compõe o dispositivo, dialogam com a visão de uma ontologia diferencial em que a técnica atua como motor de ativação de virtualidades e possui o caráter político, contingente, que permite intervir sobre os arranjos da realidade social. Os elementos que compõem o dispositivo foucaultiano podem ser vistos, portanto, como produto de gestos técnicos: afinal, sob a perspectiva de Stiegler a política é tratada como uma *tekhné* e, entre os frutos de sua ação sobre os arranjos da *polis*, é possível considerar a produção de discursos, instituições, leis, objetos técnicos, protocolos e formas de expressão artística e cultural. A mecânica que produz o *habitus*, que representa a visão Bourdiesiana para a internalização de práticas e valores sociais, pode ser aproximada das noções de Stiegler ao ser compreendida como atuante sobre os modos de retenção primária e secundária, a partir das tensões entre agentes individuantes e as

disposições da realidade material, que incluem os objetos temporais de retenção terciária.

Na obra de Stiegler a visão sobre a diferença é considerada como variação de intensidades e, por ter um destacado caráter político, essa noção sobre as intensidades reverbera em suas proposições a respeito do manejo da técnica para o arranjo de disposições sociais. Afinal, segundo Hansen (2017), como a técnica é o motor da diferenciação ontológica de Stiegler, não é possível realizar quaisquer ações para reduzir os desequilíbrios de poder contemporâneos que escapem à técnica. Deste modo, para tratar sob uma perspectiva **tecnopolítica** a variação de intensidades que constitui sua visão ontológica da realidade, Stiegler recupera e adapta algumas reflexões de Derrida: a partir delas, a técnica passa a ser encarada como um fármaco (*phármakon*), ou seja, possui uma margem de indeterminação em que as variações de sua intensidade modulam sua ação como remédio ou veneno.

Portanto, sob essa perspectiva, toda agência humana sobre a realidade se dá por meio da técnica, cuja operação deve ser compreendida de modo farmacológico. Essa compreensão, em um resgate às ideias de Simondon para uma educação técnica, deve ser amplamente difundida na cultura para incentivar reflexões a respeito das reverberações da tecnicidade humana, sobre seu caráter ambivalente positivo e negativo, de atuar como remédio e veneno. Desta forma, a cultura técnica não apenas evitaria os extremos de idolatria e repulsa aos objetos técnicos, mas incentivaria uma compreensão ampla sobre a ação humana na realidade material ao considerar seu caráter simultaneamente técnico e arbitrário: afinal, uma vez que a técnica introduz o problema da decisão e do livre-arbítrio, cabe à humanidade reavaliá-lo de modo contínuo os reflexos de suas decisões. Assim, a cultura técnica incentivaria – entre outras coisas – a compreensão de que a realidade social não reproduz uma “ordem natural” inescapável, mas reverbera conjuntos de ações técnicas que requerem revisão e modulação farmacológica.

Portanto, os gestos técnicos da humanidade sobre a linguagem, legislação, organizações sociais, instituições, políticas públicas, ações artísticas e educacionais constituem uma vasta rede de elementos que se atravessam, se complementam e permitem modular intensidades, reduzir ou ampliar as assimetrias de poder na sociedade. Desta forma, o conjunto complexo de elementos que constitui os dispositivos e que produzem/reproduzem *habitus* possui o caráter duplo de origem e destino, entrada e saída, *input/output* das ações técnicas de rearranjo, cabendo à agência e decisão humanas a modulação de suas intensidades.

Nas obras produzidas a partir de meados da década de 2000, Stiegler passou a desenvolver noções como a de “proletarização do consumo” (2010a), “telecracia” (2010b) e “indústria de programas” (2011) para tratar das desigualdades sociais emergentes de um desequilíbrio farmacológico do processo de gramatização, em uma perspectiva que recupera e atualiza reflexões de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural. O fundamento para essas noções reside nas reverberações de sua proposição sobre a retenção terciária de memória. Para ele (2011), o maior mérito dos teóricos da escola de Frankfurt foi identificar o movimento cíclico e simbiótico entre a indústria cultural e a de bens de consumo: enquanto as formas massificadas de cultura sob uma lógica industrial têm como objetivo último produzir **consumidores**, influenciando padrões de comportamento e de desejo para sustentar o crescimento do mercado; a indústria de bens de consumo e o mercado financeiro financiam novas produções culturais de massa para manter o ciclo. Assim, a partir do crescimento exponencial de objetos de retenção terciária produzidos sob uma lógica industrial, Stiegler identifica uma ampliação das assimetrias entre produção e consumo simbólicos, em que os processos de externalização da memória tendem a ocorrer cada vez mais segundo modelos orientados ao consumo. Essa assimetria indica uma tendência ao que Stiegler (2010a, p. 25) caracteriza como proletarização do consumo, influenciado por pensamentos de Marx e Simondon sobre a proletarização da força de trabalho, mas agora aplicados à força de consumo e das trocas simbólicas na era hiperindustrial.

Enquanto para Marx a proletarização da força de trabalho se deu em razão da concentração da propriedade dos meios de produção nas mãos dos industriais, para Simondon foi o descompasso entre

a individuação da técnica e da cultura que provocou a alienação tanto do capital como do trabalho. Afinal, com o processo de concretização dos objetos técnicos foi possível a emergência dos indivíduos técnicos, que destituíram a humanidade do papel de portadora de ferramentas. Aliado a isso, o processo foi influenciado pelo atraso e estagnação de uma lógica cultural baseada na hierarquia e dominação, que pressupunha uma necessária propriedade da humanidade sobre os objetos técnicos, relegando ao capital o papel de regente dos conjuntos técnicos e aos proletários a função de servos das máquinas. Esse atraso da cultura em relação aos avanços da técnica provocou, na classe trabalhadora, uma ruptura em seu processo de individuação com o enfraquecimento de seu saber fazer (*savoir faire*) em função de um papel subordinado às máquinas, produzindo a sua condição proletária.

A partir desse raciocínio, na visão de Stiegler, a partir do acúmulo e repetição da escrita de objetos de memória terciária na era hiperindustrial, cria-se uma tendência à redução na participação das pessoas na produção simbólica, impulsionando-as à posição predominante de consumo desses símbolos. Em paralelo com as obras de Bourdieu e Foucault, é um processo que configura uma violência simbólica, uma assimetria de forças que busca legitimar um conjunto de símbolos arbitrário em detrimento dos valores impulsionados à margem, aos espaços heterotópicos. Dado o entrelaçamento entre a externalidade da retenção terciária e os dois modos internos de memória, a concentração industrial da produção simbólica incentiva a homogeneização de comportamentos de quem é impulsionado ao papel reduzido de consumidor, com o enfraquecimento de seu saber viver (*savoir vivre*).

Além das assimetrias de volume entre produção e consumo simbólicos, Stiegler argumenta (2010b) que a tendência à sincronia promovida pela indústria de programas afeta negativamente a qualidade diacrônica da organização social. Ele define como “sociação” (idem, p. 172) a competência que qualifica o funcionamento democrático de uma sociedade, que demanda o compartilhamento de ideias e debate cuja temporalidade exige tempos de organização, reflexão e tomadas de decisão sobre os caminhos da coletividade. Entretanto, os tensionamentos e acúmulos promovidos por fatores econômicos estimulam uma desregulação farmacológica nos modos de percepção do tempo, favorecendo apenas os estímulos sincrônicos, as respostas “em tempo real” em detrimento da percepção histórica de diferentes temporalidades:

o modo de atraso de tempo é o que vem sendo destruído pelo “tempo real” das comunicações ao vivo e pelos ajustes “*imediatos*” da política em relação à opinião pública, que, como consequência, se torna uma audiência. É precisamente isso o que caracteriza a telecracia. (idem, p. 172, tradução nossa)

Segundo Stiegler, essa tendência à sincronia impulsionada pela indústria de programas da “telecracia” incentiva a adaptação do conteúdo, forma e tempo das práticas políticas em função dessas regras, favorecendo a emergência de discursos populistas, superficiais e curtos, que prometem respostas rápidas e que acabam transformados em produtos de consumo. Entre as consequências desse processo que ele chamou (2011) de uma tendência à hipersincronização, estão o fortalecimento de retóricas extremistas que, à época de suas reflexões, levaram o candidato de ultradireita Jean-Marie Le Pen a uma votação expressiva nas eleições presidenciais francesas de 2002. Desde então, aliada a outros fatores como crises econômicas, a intensificação das tensões e acúmulos relacionados à hipersincronização a partir de técnicas de modulação algorítmicas, uso de dados massivos e direcionamento personalizado de conteúdos para dispositivos móveis cada vez mais ubíquos, ocorreram fenômenos de ascensão de políticos de extrema-direita com discursos populistas adequados às formas e temporalidades da indústria de programas em países como os Estados Unidos, Hungria, França, Inglaterra, Filipinas, Nigéria e Brasil. Para Stiegler, essa desregulação farmacológica contemporânea da técnica assemelha-se às manipulações atribuídas aos sofistas pelo domínio retórico da linguagem, que representa “o mesmo perigo que o sofismo representou para a cidade-estado Grega (...), mas em

escala global” (idem, 174, tradução nossa).

Para o autor, os caminhos para o ajuste farmacológico se dão pela técnica compreendida em sentido amplo, pelo reforço dos processos diacrônicos de socialização, e envolvem não apenas as tecnologias digitais, embora elas cumpram um papel fundamental. As manifestações contemporâneas da técnica digital, embora sejam usadas como instrumento de domínio e manipulação social, também carregam um conjunto de virtualidades que podem ser atualizadas em favor dos processos de socialização, de organização e fortalecimento dos espaços heterotópicos. Portanto, não se trata de uma visão binária que configure apenas movimentos de resistência aos usos danosos desse fármaco. Embora o movimento de resistência seja importante e necessário, ele se limita a uma oposição dialética, limitada-se à negação de uma positividade. Deste modo, torna-se necessário investir na técnica como elemento diferencial capaz de atuar de modo positivo na atualização de virtualidades latentes e capazes de fortalecer a organização coletiva, numa visão que inclui e extrapola a resistência. Os caminhos para isso incluem não apenas as ações produtivas internas à tecnologia digital, mas a organização política e fortalecimento de processos educacionais, artísticos e culturais sob a perspectiva da tecnicidade.

ASSIMETRIAS E TENSÕES NA ESCRITA DO MEIO DIGITAL

Em nossa pesquisa (2019), realizamos conjuntos de análises sobre variadas manifestações que atravessam meio digital com o objetivo de evidenciar suas diferentes assimetrias. Entre os destaques dessas análises está o levantamento dos membros da World Wide Web Consortium (W3C), órgão responsável pela definição dos protocolos da World Wide Web, como as definições HTML², CSS³ e HTTP.⁴ Ao se averiguar informações como país sede e natureza de atividades de cada membro, foi possível identificar um grande desequilíbrio na representatividade de interesses que indicam o que Chomsky (2017, p. 122, tradução nossa) denominou como “captura regulatória”: a situação em que a empresa regulada exerce influência ou controle sobre os órgãos reguladores. Em nosso levantamento (2019), foi possível identificar que a concentração de poder econômico e regional dos membros da W3C é mais aguda que diferenças econômicas ou populacionais entre países: a América do Norte possui 40,7% dos membros, seguido da Europa com 29,8%, Ásia com 23,5%, América do Sul com 2,7%, Oceania com 2,5% e África com 0,8% (a América Central e Caribe não possuem representantes). Essa concentração de poder é determinante para amplificar assimetrias econômicas e regionais, uma vez que os protocolos regidos pela W3C são o padrão mundial para acesso à web e carecem da diversidade de interesses em suas definições.

Outro caso relevante demonstrado foi a baixa representação de mulheres em comunidades de desenvolvimento de software sob os modelos livre e/ou aberto. Apresentamos a investigação de Terrell et al (2017), que analisou contribuições de código realizadas na plataforma GitHub⁵ e demonstrou uma tendência estatística à rejeição dos códigos propostos por mulheres. Além de indicar uma grande assimetria de gênero no universo de projetos analisados (mulheres correspondem a 11,2% do total de participantes) o estudo demonstrou que, embora os códigos submetidos por mulheres tenham uma taxa de aprovação significativamente maior que as contribuições feitas por homens, esse fenômeno só ocorre quando o gênero não é identificável nos dados de submissão, como foto, nome e descrição de perfil. Quando as informações relativas à pessoa que contribuiu com o código permitem identificar o gênero, a taxa de aprovação se inverte e os códigos submetidos por mulheres são notavelmente mais

2. *Hypertext Markup Language*

3. *Cascading Style Sheets*

4. *Hypertext Transfer Protocol*

5. Plataforma para gerenciamento de versões e compartilhamento de software que possui características de uma rede social e é baseada no protocolo Git, desenvolvido por Linus Torvalds. Disponível em <<https://github.com>>

recusados, de modo que o mérito da avaliação cega é suplantado pelo preconceito de gênero inscrito no *habitus* de classe de um campo majoritariamente masculino.

Também demonstramos o estudo de Cathy O’Neil (2016) acerca dos vieses algorítmicos, ou seja, do modo como assimetrias sociais podem ser reproduzidas e amplificadas a partir de sua aplicação – intencional ou não – na programação de softwares. A autora destaca como a falsa sensação de imparcialidade maquinal em algoritmos e tecnologias como a inteligência artificial e análise estatística em bases de dados massivas (*BigData*) podem amplificar disparidades sociais ligadas à raça, gênero, idade, poder econômico ou cultural. Em seu trabalho, ela também advoga pela transparência e publicidade de códigos aliada à educação e inclusão de diferentes grupos sociais na posição de escrita do meio digital, e não apenas na de consumo ou – pior – de mera fonte de dados. Afinal, como a escrita digital é predominantemente masculina, branca, heterossexual e anglófona, as visões de mundo de diferentes grupos sociais tendem a ser negligenciadas pela falta de representatividade.

Por fim, realizamos uma análise sobre como, à luz das ideias de Stiegler, processos eleitorais como o do Brasil em 2018 se valeram de tensionamentos em aparatos digitais, *habitus* de classe inferidos por análises estatísticas de usuários de redes sociais, e leis como o Marco Civil da Internet⁶ (Lei nº 12.965/2014), para produzir discursos enviesados e enfraquecer processos democráticos. A partir do uso farmacológico de ferramentas de publicidade eletrônica inspirado pelo caso da empresa Cambridge Analytica no Reino Unido e EUA, a produção massiva de objetos digitais de retenção terciária com informações forjadas e técnicas semelhantes ao *clickbait*⁷ influenciaram posturas de apoio e rejeição a candidatos de modo personalizado.

Essas práticas, aliadas à isenção de responsabilidade às plataformas digitais garantidas pelo Marco Civil da Internet, o tempo mais curto de campanha definido pela legislação eleitoral, e a gratuidade de planos de acesso à internet para redes específicas – como a do WhatsApp – garantida por uma decisão do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) do país, facilitaram o que chamamos de processos de proletarização eleitoral, com o enfraquecimento de práticas democráticas por campanhas massivas de desinformação.

FORTELECIMENTO DAS HETEROTOPIAS DIGITAIS

Por fim, também demonstramos (2019) como os diferentes elementos que se relacionam ao meio digital podem ser empregados de modo farmacológico para reduzir assimetrias sociais. Como exemplo, destacamos o projeto PretaLab⁸, que tem como objetivo o estímulo à “inclusão de meninas e mulheres negras e indígenas no universo das novas tecnologias” (OLABI, 2018).

Consideramos a PretaLab um exemplo de ação que se aproxima do que Hui e Halpin (2013) defendem como um caminho para a individuação coletiva no meio digital, pois busca a formação de redes não pela mera ligação entre indivíduos mas pela aderência a causas comuns. Em vez de uma malha infinita de pontos individuais, atomizados e estáticos, ligados entre si, a individuação coletiva se dá pela agregação de agentes individuanes em função de interesses compartilhados pela coletividade, permitindo a emergência de platôs digitais metaestáveis.

Esse recorte vertical para mulheres negras e indígenas ligadas à área de tecnologia representa a identificação e fortalecimento de um espaço heterotópico, que foge ao padrão hegemônico do campo tecnológico. Em relação à heterotopia, aos espaços que são “espécies de lugares que estão fora de

6. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12965.htm>.

7. Prática que consiste na produção de mensagens cuidadosamente elaboradas para chamar a atenção de seu público, geralmente com afirmações ultrajantes ou que aguçam sua curiosidade, para incentivar ações como o clique em um *hyperlink*.

8. Disponível em <<https://www.pretalab.com/>>

todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis” (FOUCAULT, 2009, p. 415), a Preta-Lab realizou um mapeamento nacional da atuação dessas mulheres, cujo objetivo foi identificar esses lugares e dar visibilidade às suas representantes. Além do mapeamento, entre as ações realizadas pelo projeto estão a ordenação do discurso social, com a produção de relatórios, vídeos e conjuntos de enunciados que reforçam a posição dessas mulheres como pertencentes à posição de escrita do meio digital.

O projeto também estimula ações de educação técnica e crítica que vão além da simples capacitação profissional, encorajando reflexões que permitam o uso de ferramentas digitais para ampliar a participação e representatividade de mulheres indígenas e negras nessas posições sociais. E essa redução de assimetrias não se resume à simples quantificação participativa, pois a diversidade na produção do meio digital também é condição para que suas manifestações impulsionem novos arranjos sociais. Assim como defende Cathy O’Neil sobre identificar e combater os vieses incorporados em algoritmos e na curadoria de dados digitais, Monique Evelle fundadora do Desabafo Social⁹, declarou em sua entrevista¹⁰ à PretaLab que “quem domina essas tecnologias [...] são pessoas que não entendem o que a gente está passando” (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características que identificamos no projeto PretaLab podem ser úteis para orientar a elaboração de novas iniciativas no meio digital que tenham como objetivo reduzir desequilíbrios de forças sociais. O estudo do projeto permitiu, a partir de relações com fundamentos teóricos diversos, identificar abordagens e práticas que podem ser consideradas para embasar outras ações que buscam intervir sobre a escrita da realidade. Assim, o uso da técnica para identificar e evidenciar esses espaços outros permite o incentivo à aglutinação de agentes em redes de interesse comum. Além disso, o fortalecimento de ações de sociação por meio de uma educação técnica e do estímulo à representatividade atuam como fatores que favorecem a escrita da realidade social por uma multiplicidade de atores. Essa maior representatividade possui o potencial de, além de evidenciar práticas que legitimam diversas manifestações de violência simbólica, permitir que novas perspectivas produzam a reordenação de discursos sociais, tornando visíveis e fortalecendo os enunciados impulsionados à margem e promovendo novas ordenações a partir de processos de heterogênesse. Desta forma, demonstram-se caminhos possíveis para intervir tanto sobre a escrita dos dispositivos de poder como na dos *habitus* individuais e coletivos para estimular a redução de desigualdades sociais arbitrárias.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu: Sociologia* / org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.
- CHOMSKY, Noam. *Requiem for the American dream: the principles of concentrated wealth and power*. New York: Seven Stories Press, 2017
- CROGAN, Patrick. *Bernard Stiegler: philosophy, technics, and activism*. In: Cultural Politics, volume 6, issue 2. P. 193-156, 2010
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inatural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

9. Disponível em <<http://desabafosocial.com.br/>>.

10. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cjD9R23WheQ>>.

- FOUCAULT, Michel. *Heterotopia*. In: Ditos e Escritos, III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* – org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- HANSEN, Mark B. N. *Bernard Stiegler, Philosopher of Desire?* In: *boundary 2: an international journal of literature and culture*, Vol. 44, Issue 1, 2017
- HUI, Yuk; HALPIN, Harry. *Collective individuation: the future of the social web*. In: *Unlike Us Reader - Social Media Monopolies and Their Alternatives*. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2013.
- MARCHART, Olivier. *Antagonism and Technicity: Bernard Stiegler on Eris, Stasis and Polemos*. In: *New Formations*, 77. 2012.
- MARX, Karl. *Uma contribuição para a Crítica da Economia Política*. 1859
- O'NEIL, Cathy. *Weapons of Math destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. New York: Crown Publishers, 2016.
- OLABI Makerspace. *PretaLab — Report 2018*. Disponível em <<https://www.pretalab.com/>>. Acesso <10/09/2018>
- OLABI Makerspace. *PretaLab | Monique Evelle*. 27 de julho de 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cjD9R23WheQ>>. Acesso em <10/09/2018>.
- STIEGLER, Bernard; ROSSOUW, Johann. *Suffocated desire, or how the cultural industry destroys the individual: contribution to a theory of mass consumption*. In: *Parrhesia*, number 13, 2011.
- STIEGLER, Bernard. *For a New Critique of Political Economy*. Cambridge: Polity Press, 2010
- STIEGLER, Bernard. *Technics of decision: an interview*. In: *Angelaki*, n.8, v.2, 2003. pp. 151-168
- STIEGLER, Bernard. *Telecracy Against Democracy*. In: *Cultural Politics*, Volume 6, Issue 2, July 2010, pp. 171-180
- TERRELL, J; KOFINK, A; MIDDLETON, J; RAINEAR, C; MURPHY-HILL, E; PARNIN, C; STALLINGS, J. *Gender differences and bias in open source: pull request acceptance of women versus men*. In: *PeerJ Computer Science* 3:e111, Maio de 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.7717/peerj-cs.111>>. Acesso em <13/09/2018>.
- TINNEL, John. *Grammatization: Bernard Stiegler's Theory of Writing and Technology*. In: *Computers and Composition*. N. 37, 2015. pp. 132–146
- VASCONCELOS, Virgílio Carlo de Menezes; FALCI, Carlos Henrique Rezende. *Assimetrias de poder e heterotopias na escrita do meio digital*. 2019. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.